

**Bloco I: Paula Togni
(In Memoriam)**

**INTERSEÇÕES ENTRE MOBILIDADE ESPACIAL E SOCIAL: JOVENS
BRASILEIROS EM UMA PERIFERIA DE PORTUGAL**

Paula Togni

Resumo

A partir de uma etnografia multisituada realizada entre Brasil e Portugal (2010-2013), este artigo pretende explorar as dimensões subjetivas das migrações internacionais, prestando especial atenção na relação entre os desejos e expectativas dos sujeitos aos estilos de vida e consumo, bem como à coexistência de projetos migratórios individuais e familiares. Ao longo dos trajetos e de alguns episódios da trajetória de Sheila, refletirei sobre as noções de projeto, tempo e espaço através de suas experiências de mobilidade. Sheila faz parte de um grupo de 26 sujeitos que possuem como particularidades: pertencerem a uma mesma faixa-etária (18 a 25 anos) e a classes económicas baixas do Brasil, terem pouca escolaridade e serem oriundos de uma mesma localidade, como também, viverem atualmente em uma *periferia* da Grande Lisboa, o Cacém.

Palavras-chave: Migrações internacionais, juventude, território, mobilidades, Brasil-Portugal.

Introdução

As reflexões desta comunicação são resultado de uma etnografia multi-multisituada realizada ao longo dos anos de 2010 a 2013, a partir de permanências alternadas entre o bairro do Cacém, em Portugal e a cidade de Mantena, Minas Gerais, Brasil. Ao longo desses anos percorri e/ou reconstruí os trajetos e trajetórias¹ de 26

¹ De entre as muitas compreensões e discussões sobre esses termos que remetem a noções sobre espaço e tempo, optei por utilizar a noção de trajetória em detrimento do método biográfico¹ ou das histórias de vida, usualmente vistas como seqüências cronológicas e lógicas de acontecimentos e ocorrências na vida de uma pessoa. Ao contrário, opto por priorizar os percursos e caminhos biográficos ao longo do tempo (Velho, 1987; 1994), ao empregar a concepção de Bourdieu (1989), para quem a trajetória é uma série de posições sucessivas ocupadas por um grupo ou sujeito em um determinado espaço, ele mesmo exposto a transformações incessantes.

No que se refere às concepções sobre os trajetos, sigo a proposta de Magnani (2007) e Cachado (2010) que procuram dar conta dos deslocamentos cotidianos dos sujeitos que, nesse caso específico, incluem trajetos transnacionais, mas também os deslocamentos efetuados nos espaços urbanos e/ou rurais. Procurei uma abordagem que levasse em conta os trajetos entre e nas cidades, tanto nos países de acolhimento como nos de origem.

jovens envolvidos em deslocamentos transnacionais, levando em conta os seus contextos de origem e suas experiências anteriores de mobilidade².

Uma das particularidades dos deslocamentos deste grupo é o fato da maioria dos sujeitos terem vivenciado a experiência de mobilidade através de fronteiras internacionais entre os 18 e 20 anos na ausência de familiares adultos. Os sujeitos vieram sozinhos e/ou com irmãos, primos e amigos. São deslocamentos que não se configuravam com o padrão de reagrupamento familiar, um processo que diz respeito à migração de alguns membros da família no sentido de se juntarem aos familiares (normalmente os pais), já instalados num novo país ou região (FONSECA, 2005:14) que tem sido extensamente analisado por pesquisas sobre “jovens migrantes” em diferentes contextos³. Contudo, estes deslocamentos, não são necessariamente projetos exclusivamente individualizados, mas parte também de uma estratégia familiar de reprodução social.

No presente artigo, tendo como fio condutor os trajetos e alguns episódios da trajetória de Sheila⁴, argumento que levar em consideração

Escalas da cidade, migrações e mobilidade

A importância dos contextos espaciais em que as experiências de mobilidade são vivenciadas tornou-se, a partir do momento em que conheci Sheila, o Cacém e a cidade de Mantena, uma problemática fundamental. Isto porque o par sociedade de origem e sociedade de destino, estruturados a partir dos estados-nação, nesse caso Brasil e Portugal, não oferecia respostas analíticas para pensar os deslocamentos e fluxos entre Mantena e o Cacém. Ao contrário, a combinação entre um nacionalismo metodológico e

² As permanências alternadas entre os contextos de destino e de origem, ao longo de três anos possibilitou-me acompanhar não somente com os sujeitos que atravessaram fronteiras internacionais e atualmente residem no Cacém, mas também com seus familiares e amigos, com sujeitos que viveram em Portugal e já retornaram e, ainda, com os que não tiveram a experiência do deslocamento entre fronteiras internacionais.

³ Para uma discussão sobre “jovens brasileiros” nos EUA, recomendo os trabalhos de Menezes (2003) e Sales (2001). Para um debate sobre os jovens “luso-africanos” ou de “2ª geração” em Portugal ler Gusmão(2004); Machado (1994; 2002) e Rosales, Cantinho e Parra (2009).

⁴ Foi por intermédio de Sheila que conheci o Cacém e a grande maioria dos sujeitos que fizeram parte dessa etnografia. A sua trajetória e de sua família são fundamentais na construção da pesquisa. A casa de sua família, na *roça*, Cachoeirinha de Itaúna, configurou-se como um dos principais locais de pesquisa e estadia nos trabalhos de campo realizados no Brasil. Sheila moveu-se para Portugal no ano de 2007, aos 19 anos e continua vivendo no Cacém. Trabalha como faxineira e atualmente faz um curso de estética (manicure, pedicure e depilação).

uma visão limitada sobre sociedade e cultura (SCHILLER E WIMMER, 2002, 2003), tem sido considerada por mim como uma barreira eficaz para pensar os processos transnacionais e a ideia de simultaneidade. Proponho, em alternativa, refletir sobre as mobilidades no sentido lato – sociais, físicas, espaciais - incorporando várias escalas, o que implica refletir, em simultâneo, mobilidade e fixidez, que sempre se definem entre si. As várias escalas, às quais me refiro, ultrapassam as relações entre fronteiras geográficas e incluem as relações sociais e econômicas em contextos particulares.

Compartilho com as proposições de Ong (1999) e Schiller e Salazar (2012) sobre a adequação de uma teoria sobre as mobilidades, onde os pesquisadores devem examinar o papel dos Estados-Nação e a influência das identidades nacionais na formação da experiência dos sujeitos em deslocamento, sem confinar seu estudo e análise dentro de um parâmetro de Estado-Nação (2012:10).

De fato, isoladamente, as teorias e explicações sobre as migrações internacionais marcadas por um nacionalismo metodológico e por concepções isomórficas entre cultura, território e sociedade não eram satisfatórias para compreender as trajetórias e trajetos dos sujeitos em Mantena e no Cacém. Dito de outra forma, utilizar como recurso fundamental teórico e analítico a literatura específica produzida nos estudos sobre migrações internacionais (*migration studies*) com o intuito de comparar perfis e padrões de deslocamentos contemporâneos de uma “imigração brasileira na Europa”, nomeadamente para Portugal, não era o meu propósito. Diversas investigações já haviam sido realizadas com esse intuito (LISBOA, 2010; GUEDES E MARQUES, 2008; SANTOS E CRAVIDÃO; MACHADO, 2003, 2008, 2009); MALHEIROS, 2007; PADILLA, 2005, 2007).

O Cacém é um bairro periférico da região metropolitana da Grande Lisboa. A reputação de periferia do “bairro”⁵ está associada à distância das áreas mais centrais e igualmente por uma segregação espacial étnica. A maioria das pessoas que habitam o Cacém é oriunda da África portuguesa – Angola, Guiné Bissau e Cabo Verde – e, mais recentemente, do Brasil. O bairro faz parte de “um contexto residencial social e simbolicamente desvalorizado dotado de uma imagem pública negativa” (PINTO E GONÇALVES, 2000:102), analisado em pesquisas sobre as políticas de habitação,

⁵ De acordo com os dados censitários de 2011, residiam no Cacém aproximadamente 21.289 pessoas, uma população semelhante à da cidade de origem dos sujeitos, Mantena, que possui cerca de 27.000 habitantes.

segregação sócioespacial e o surgimento dos “bairros sociais” em Portugal, (CAMARGO PINTO, 1994; RODRIGUES, 1997).

Por sua vez, Mantena está localizada no leste de Minas Gerais, numa zona fronteiriça entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Da capital do estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, a Mantena são aproximadamente 460 km de distância e de Vitória, capital do estado do Espírito Santo, são 250 km. É considerada uma cidade de pequeno porte, com aproximadamente 27.000 habitantes, sendo que 6.000 vivem em áreas consideradas *rurais*. De acordo com dados do IBGE (2010), as principais atividades econômicas são a cafeicultura e a pecuária. A cidade faz parte da mesorregião do Vale do Rio Doce na qual a cidade de Governador Valadares, designada por Machado como a “capital nacional da migração” (2009:171), tem sido o foco das atenções de inúmeras pesquisas sociológicas e antropológicas (ASSIS, 1999, 2007, 2008, SIQUEIRA, 2009; MACHADO, 2009). A cidade desde a década de 1960, é associada a um fluxo intenso direcionado para os Estados Unidos, e, mais recentemente para Portugal.

A proposta metodológica de percorrer os trajetos e trajetórias de sujeitos oriundos de uma cidade de pequeno porte e uma zona rural com pouca ou nenhuma experiência metropolitana, de “classes baixas”⁶ e com pouca escolaridade, que se auto-identificam como negros ou *morenos*, levaram-me a dois contextos etnográficos específicos na cidade de Mantena: a zona rural de Cachoeirinha de Itaúna e o Morro do Margoso.

Cachoeirinha de Itaúna possui 611 habitantes, é distrito do município de Barra de São Francisco (43.000 habitantes), uma cidade do estado do Espírito Santo. A distância entre Mantena e Barra de São Francisco é de 11 km. De Cachoeirinha de Itaúna a Mantena são aproximadamente 18 km de estrada de terra. O vilarejo possui uma escassa infra-estrutura. Há uma escola pública (municipal), quatro igrejas (três

⁶ Consciente dos riscos do culturalismo ao falar sobre classes, compartilho com Velho (1994:41) sobre a imprecisão do termo “classe média” que estendo à categoria “classes baixas”, divisões que são associadas somente a critérios socioeconômicos – renda e ocupação – e que encontra grandes discontinuidades em termos de *ethos* e visões de mundo entre os sujeitos. É significativo esclarecer que o objetivo não é discutir o conceito de classe como um problema sociológico, todavia, ao longo de toda a etnografia, a importância da assimetria e das relações de classe na experiência dos sujeitos em mobilidade, articuladas com outros marcadores sociais de diferença foi primordial. A escassez de reflexões que centralizam as questões das classes sociais na literatura antropológica foi apontada por Fonseca (2006) no Brasil e Lima (1997), em Portugal. As antropólogas que produziram etnografias referenciais sobre “grupos populares” em Porto Alegre e sobre uma “elite” em Lisboa, respectivamente, demonstram que as análises antropológicas permitem revelar as dimensões culturais e ideológicas das relações de classe que são fundamentais para compreender qualquer contexto social que pretendemos analisar (LIMA, 1997:76).

delas são evangélicas) e duas mercearias. Existem dois bares, do Sr. Jovinho e o de Reinaldo, que se configuram como os únicos espaços de sociabilidade, locais onde os jovens (fundamentalmente, os rapazes) bebem e jogam sinuca. Durante as minhas permanências na zona rural percebi que eu era uma das poucas mulheres que freqüentavam os espaços de sociabilidade pública: nos bares ou para assistir aos domingos os jogos de futebol no campo. Estes espaços sociais são marcadamente masculinos.

O *Morro*, conhecido também como bairro dos Operários emerge na etnografia para nomear o lugar de residência de Camila e outros sujeitos. O Margoso, derivado de amargo, é classificado como um lugar *perigoso*, cujo tráfico de drogas e os *assaltos* são recorrentes. Um lugar apontado como *violento*, onde o primo de Sheila foi assassinado à porta de casa com *sete tiros*. O bairro é estigmatizado em Mantena pela sua associação ao tráfico de drogas, por ser uma zona de ocupação ilegal e pela violência, sendo constante a presença da polícia. Muitos dos relatos policiais do município fazem referência ao local. “Mulher é roubada na escadaria do Bairro dos Operários em Mantena” (Portal Mantena, acessado em abril de 2011) e “Tentativa de homicídio no bairro Operário em Mantena” (Portal Mantena, acessado em janeiro de 2011) são algumas das notícias recentes que vinculam o local à criminalidade.

Estes cenários são, conjuntamente, os locais de residência anteriores ao deslocamento entre fronteiras internacionais de Camila e Sheila e os espaços de vivência cotidiana nos contextos de origem da maioria dos sujeitos que fizeram parte da etnografia. Nas minhas permanências em Mantena, a etnografia teve como pontos de referência dois núcleos domésticos: as famílias de Sheila e Camila, locais onde vivi durante as permanências em Mantena.

Assim, as relações sociais cotidianas desses jovens eram organizadas no Cacém e em Mantena, em espaços considerados periféricos nos dois países: uma *periferia* localizada em um pequeno município “o morro do Margoso”, uma zona rural “a roça” uma *periferia* ou *bairro problemático* da região metropolitana de Lisboa.

Utilizo o termo *periferias*, no plural, com o objetivo de demonstrar que, em cada contexto, os significados associados à essa noção são produzidos e reproduzidos de forma relacional. Dessa forma, se a princípio a reconheço como Feltran os problemas de utilizar o termo *periferias* por “remeter, por vezes, a divisão estanque entre centro e

periferia⁷, e a depender do contexto, uma série de estigmas sociais” (2011:15), opto, como o autor a falar sobre periferias no plural, para me referir a “ambientes situados no tempo e no espaço, em que as pessoas se relacionam entre si e com outras esferas do mundo social, de modo plural e heterogêneo”⁸.

Contudo, a discussão sobre esses territórios e sua população (como nas periferias “européias”) têm como temática principal a violência urbana. Como demonstrou Feltran (2010), existe uma generalização das periferias urbanas como “submundos homogêneos e apartados das esferas sociais legítimas, como a família, o trabalho, a religião, a moral e o Estado” (2010:01).

Assim, a moradia em contextos residenciais considerados como periféricos, com imagens negativas associadas à violência e à delinquência eram parte das experiências e vivências dos sujeitos que fazem parte da etnografia tanto na origem, quanto no destino. São as experiências nesses espaços, nas periferias, que revelaram conteúdos e significados atribuídos pelos sujeitos em deslocamento e pelos seus familiares às localidades - a elaboração de imagens sobre Portugal e o Brasil - a construção e ressignificação das diferenças bem como às possibilidades dos mesmos concretizarem seus projetos de mobilidade. Portanto, uma reflexão sobre as relações entre os usos da cidade e as experiências das pessoas em mobilidade, significou privilegiar as localidades e as circulações em diferentes escalas na origem e no destino, para além de pensar as desigualdades em termos de Estados Nação na economia política global.

Nesse sentido, a proposta de Schiller (2012) em reflexionar sobre transnacionalidade e cidades, proporcionou um maior entendimento para pesquisadores que, como eu, necessitava situar as cidades e seus diversos habitantes em múltiplas e interpenetradas escalas de relacionalidade. Ao ponderar que as cidades não são espaços homogenizados, a autora propõe que as diferenças entre bairros e localizações nas cidades sejam destacadas, uma vez que estas refletem e reproduzem processos desiguais de *place-making*, dentro dos quais as cidades são constantemente reconstruídas e reimaginadas. A construção de imaginários urbanos, no que se refere a áreas específicas de moradia de migrantes, é um exemplo (SCHILLER, 2012:29). Na Grande Lisboa, algumas regiões

⁷ Guimarães, em seu artigo sobre juventudes nas periferias urbanas, utiliza o termo periferia para “designar áreas da periferia geográfica da cidade (no seu caso o Rio de Janeiro), mas também aquelas áreas que em função da geografia da cidade e das formas de ocupação do espaço, poderiam ser denominadas como “periferias social”, como referência às populações pobres que habitam favelas construídas em morros encravados em bairros centrais” (1997:199).

⁸ Feltran,(2011:15).

ou bairros são desvalorizados e/ou valorizados, consoante o tipo de migração e a projeção dos lugares, sobretudo na mídia e nas políticas de estado. Se alguns espaços são produzidos positivamente como exóticos e etnicamente diversos, como o bairro do Martim Moniz, outros são associados como perigosos, periféricos e criminais, como por exemplo o Cacém, a Amadora e a Linha de Sintra⁹.

Dessa forma, pensar sobre diferentes mobilidades socio espaciais, suas escalas e relacionalidade se configurou como a maneira que encontrei para compreender categorias nativas como *roça*, *periferia*, *cidade grande*, *morro*, etc, bem como compreender os sentidos de *melhorar de vida*, *aproveitar a vida* e os significados dos deslocamentos entre fronteiras internacionais tanto nos locais de origem como para os próprios sujeitos em mobilidade.

.....

Em 2007, com 19 anos, Sheila desembarcou em Lisboa com o objetivo de melhorar *de vida*. Seu projeto inicial era trabalhar para acumular algum dinheiro que seria destinado à reforma da casa de sua família, localizada na zona rural - Cachoeirinha de Itaúna- e abrir nesta última localidade um pequeno negócio: *quem sabe uma loja de roupas*. Sheila considerava que, no Brasil, pelo fato de *não gostar de estudar*, seria difícil realizar os seus desejos de melhoria de vida.

Melhorar de vida é o modo que os sujeitos dão significado, num primeiro momento, ao projeto de se deslocarem entre fronteiras nacionais (DURHAM, 1984) e internacionais (TOGNI, 2012, 2014). Todos os sujeitos da etnografia falavam sobre *melhorar de vida* como o objetivo do deslocamento, que quando alcançado, provocaria o retorno das pessoas para os seus contextos de origem. No entanto, os significados de *melhorar de vida* são vários, ainda que alguns sejam mais regulares nas narrativas dos

⁹ É importante salientar que a construção de imaginários urbanos de determinadas áreas e regiões não se encerra na dicotomia migrantes/nativos. Em Portugal, os trabalhos de Costa (2008) sobre o bairro de Alfama e Cordeiro (1995), sobre a Bica, Lima (1993) sobre a Madragoa e a pesquisa de Raposo (2008) sobre os condomínios fechados em Lisboa são alguns exemplos. No Brasil, as separações e segregações espaciais foram abordadas por Agier (2011), que demonstrou no caso da cidade de Salvador, Bahia, um “apartheid social”: a existência de uma diferenciação entre a cidade alta - uma população visivelmente branca, residente em grandes aglomerações de condomínios, com uma oferta grande de equipamentos urbanos de lazer e serviços - e a cidade baixa: bairros antigos, cujos moradores são pobres e de pele mais escura e vivem sobretudo em habitat de autoconstrução. A título de exemplo, existem inúmeros trabalhos e reflexões socioantropológicas sobre as cidades e suas diferentes formas segregação socio espacial (CALDEIRA, 2000; TELLES, 2006), periferias (ALMEIDA E D’ANDREA, 2008; FELTRAN, 2010, 2009) favelas (ZALUAR, 2004; 1994; 1985) e condomínios fechados em São Paulo (CALDEIRA, 2000) e Goiânia (MOURA,2003).

sujeitos: comprar ou remodelar uma casa, abrir o próprio negócio, ajudar os familiares e comprar um carro e/ou uma moto¹⁰. A noção de que se mover para outro lugar significa utilizar as oportunidades sociais e econômicas que não estão disponíveis localmente, aparecem nos discursos associados à melhoria de vida.

Para Sheila, era preciso *ganhar um destino*. E em Mantena, uma das alternativas que são enxergadas como possibilidades concretas de mobilidade social, têm um duplo sentido semântico: a mobilidade geográfica é também pensada como social. Em Mantena e Cachoeirinha de Itaúna existem fluxos de deslocamentos internos (Vitória, Belo Horizonte e Porto Velho) e internacionais (EUA e Portugal) tanto com temporalidades distintas como coexistentes. Portanto, a mobilidade, longe de ser algo excepcional, faz parte das experiências nas trajetórias de diferentes sujeitos, aqueles em movimento, ou enredados pelas mobilidades de familiares, amigos e vizinhos.

Contudo, uma das questões instigantes na etnografia era compreender de que modo a migração entre fronteiras internacionais se configurou em um determinado momento como uma alternativa possível para os sujeitos em Mantena e Cachoeirinha de Itaúna. E porque a migração para grandes cidades brasileiras passou a não ser tão desejada?

Pesquisas recentes, desenvolvidas com “jovens rurais” em outros contextos - ver por exemplo Pereira (2012) no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais -, apontaram para a coexistência de fluxos de deslocamentos para as monoculturas de café e cana-de-açúcar no sudeste do Brasil e para o exterior, fundamentalmente EUA e Portugal.

Estas mobilidades – internas e ou internacionais – têm sido compreendidas pela maioria dos pesquisadores como estratégias intergeracionais de reprodução da família e/ou projetos individuais dos jovens em busca de “autonomia”, tal como demonstrou Menezes (2013), a partir dos deslocamentos de jovens do sertão do estado da Paraíba para São Paulo com a finalidade de trabalhar em usinas de cana-de-açúcar, ou os trabalhos de Silva (2006) e Wanderley (2006), que, da mesma forma, analisaram deslocamentos entre estados no interior do Brasil.

As noções de campo de possibilidades (BERTAUX, 1977; VELHO, 1994) e de motilidade (KAUFMAN, 2006) e as discussões realizadas por antropólogos/as que

¹⁰ Comprar ou remodelar uma casa, abrir o próprio negócio, ajudar os familiares e comprar um carro e/ou uma moto foram percebidos como os principais objectivos e motivações em diferentes narrativas sobre diversos contextos de mobilidade. Nos deslocamentos de gerações de famílias caribenhas (Olwing, 2003), de Filipinas para Hong Kong (COSTABLE, 1999) e de brasileiros para os EUA (ASSIS, 1999; 2004) e Portugal (PEREIRA, 2009).

utilizam estes conceitos na pesquisa sobre deslocamentos internacionais (CACHADO, 2009), contribuem para iluminar este ponto. O conceito de campo de possibilidades foi proposto por Daneil Bertaux (1978) e retomado por Gilberto Velho (1994:43) com a finalidade de evitar na discussão sobre trajetórias um voluntarismo individualista ou um determinismo socio-cultural rígido. Por sua vez, Kaufman (2004) propôs o conceito de motilidade para pensar a intersecção entre mobilidade espacial e social. Ao designar a motilidade como o “potencial de mobilidade de um ator”, intenta apreender a forma pela qual um sujeito ou um grupo dentro das suas possibilidades de mobilidade as utiliza para desenvolver projetos (op.cit CACHADO, 2009:17).

O autor avança o conceito de campo de possibilidades na medida que inclui as táticas, habilidades e estratégias dos sujeitos na construção dos seus percursos pessoais. A operacionalização do conceito de motilidade é proposta por Flamm e Kaufman (2006) a partir de três dimensões: 1) os acessos, 2) as habilidades (*skills*) e por fim 3) apropriação cognitiva.

Os acessos são definidos como as condições materiais disponíveis para os sujeitos. No caso dos deslocamentos entre fronteiras internacionais dos sujeitos em Mantena, as migrações - internas e internacionais- tornam-se projetos possíveis por meio de técnicas e táticas viabilizadas pelas agências de viagens locais que oferecem *pacotes* que disponibilizam mobilidades com fluxos determinados com o intuito de contornar os diversos mecanismos de regulação e contenção de fluxos (ONG, 1999; INDA, 2006).

O trajeto de Sheila para entrar em Portugal envolveu vários deslocamentos: uma viagem de ônibus de Cachoeirinha de Itaúna para Mantena, de Mantena para o Rio de Janeiro, um voo com escala em Madrid e, finalmente, o desembarque em Lisboa. Este trajeto foi pensado pela agência de viagens para assegurar a sua entrada no continente europeu. *Um voo direto não dava... não entra... mas por Madrid entrava*, explica-me Nilson, dono da principal agência de viagens da cidade.

Sheila entrou, mas outras pessoas do seu voo foram retidas no Aeroporto de Barajas e deportadas para o Brasil. Sheila tinha um visto de turista, que possibilitava a sua permanência “legal” em Portugal durante os três primeiros meses, mas não a autorizava a trabalhar. O pacote na agência foi comprado através dos recursos financeiros da família, que disponibilizavam a *terra* como garantia de pagamento, com

uma clara noção de “investimento”, uma estratégia de reprodução social familiar baseada no deslocamento dos/das filhos/as.

As habilidades, definidas como competências dos sujeitos para transformar possibilidades em recursos utilizáveis, podem ser observadas, por exemplo, no acesso dos sujeitos às redes migratórias que garantem a ajuda e informações dos locais de destino e na negociação dos sujeitos para a aceitação da família, a qual garante materialmente o deslocamento. Para Sheila, mover-se para Portugal foi facultado pelo fato de seus irmãos, Wellington, Beto e o vizinho Maicon, já viverem em Portugal, como também pelo fato das mobilidades (internas e entre fronteiras internacionais) serem parte da realidade social da sua cidade, visível através da existência e classificação das moradias dos migrantes como *casas modernas*, das narrativas de pessoas conhecidas sobre suas experiências de mobilidade nos retornos temporários e nos perfis do Orkut e Facebook.

É importante salientar que a permanência de Sheila, bem como a concretização de seu projeto inicial de mobilidade dependiam do fato dela encontrar trabalho em Portugal, ou como Sheila afirma, de *dar certo*. Na primeira semana Sheila conseguiu um trabalho como auxiliar de limpeza através de um contato de Maicon.

Por fim, o que os autores definem como “apropriação cognitiva” é a associação da ideia de que a mobilidade não se trata apenas de se deslocar de um lugar a outro, mas envolve desigualdades, *status* e a classificação das pessoas que transitam como também projetos de ascensão social, ou seja, os autores consideram desiguais os acessos às diferentes formas de mobilidade¹¹.

Assim, entre os anos 2000 a 2007, sujeitos como Sheila, Camila, Maicon, Juliana, Jonas, Wellington, Beto, Robson, Dalton, Jessica, Yan, Dora, entre tantos outros, moveram-se para Portugal providos de diferentes imaginários, expectativas, projetos de mobilidade e obrigações morais e familiares.

A roça, a favelinha e o apartamento 502

¹¹ Para outras discussões sobre deslocamentos e portfólios de motilidade, recomendo o artigo de Cachado (2009) sobre trajetos interurbanos na diáspora hindu e o texto de Moura e Vasconcelos (2012) sobre os trajetos e trajetórias de estudantes universitários da UNB (Universidade de Brasília) oriundos de uma região considerada periférica.

Se em um primeiro momento a migração se configura como uma estratégia de reprodução social familiar executada a partir do deslocamento de um membro do grupo doméstico - geralmente sujeitos entre 18 e 20 anos - o desenho do projeto migratório não se mantém incólume. A forma como se vive e se dá sentido às mobilidades se modifica com o tempo da migração (OLWING, 2007). Na etnografia, tanto em Mantena como no Cacém, as categorias êmicas *aproveitar a vida* e *melhorar de vida* se destacaram nas narrativas dos sujeitos em mobilidade. Estes dois conceitos êmicos são utilizados contextualmente, demonstrando a própria dinâmica do projeto migratório dos sujeitos, que ao longo do tempo da migração vão reconstruindo novas expectativas e motivações. Se inicialmente as narrativas sobre *melhorar de vida* são utilizadas para justificar o deslocamento entre fronteiras internacionais, ao longo do tempo da migração a noção de *aproveitar a vida* passa a coexistir nas exposições dos sujeitos ao longo da sua trajetória de mobilidade.

Voltemos a trajetória de Sheila. Ao descrever o seu lugar de origem afirmava de maneira recorrente que não queria morar na *roça onde não tem nada para fazer*. O termo êmico utilizado pelos sujeitos, *morar na roça*, se configurou como uma problemática fundamental para pensar as experiências e a subjetividades envolvidas nos processos de deslocamento. Não porque a definição de categorias genéricas como “rural” e “urbano” sejam pertinentes para qualificar espaços e universos sociais, mas porque revelam conteúdos e significados atribuídos pelos sujeitos em deslocamento e pelos seus familiares às localidades (ao rural e também ao urbano) e às possibilidades dos mesmos concretizarem seus projetos individuais e familiares em determinados espaços.

Roça se tornou uma categoria recorrente e polissêmica para fazer referência aos locais de origem. Em algumas situações transmitia a noção de um lugar *onde não tem nada para fazer*, como afirmava Sheila e outras meninas. Antes de ir a Cachoeirinha de Itaúna, imaginava que o significado da *roça*, para Sheila, prendia-se ao fato de viver em um pequeno município (Mantena), que tinha entretanto, “uma trama social marcada pelo rural” (RODRIGUES, 2013:53). Contudo, foi somente quando estive em Cachoeirinha de Itaúna pela primeira vez, em junho de 2010, que percebi que as localidades são categorias espaciais significadas em termos relacionais, ou seja, *a roça*, como me informou uma moradora da única rua de Cachoeirinha de Itaúna (oficialmente

zona rural) sobre a localização da casa da família de Sheila: *é bem roça mesmo, lá no meio do mato.*

Na minha primeira impressão de Mantena a cidade era bem diferente do que eu imaginava. Menor, mais rural, pelo menos a primeira vista. Apesar disso, ainda que a cidade seja classificada por um habitante de uma cidade de escala maior como interior ou rural, para os moradores de Cachoeirinha de Itaúna, Mantena é considerada uma cidade, urbana. É na cidade de Mantena que os sujeitos têm acesso a equipamentos urbanos como bancos, supermercados, farmácias, hospitais, agências de viagens, etc, ainda que, inexista transportes públicos e sejam escassos os lugares de lazer e sociabilidade.

Mas o termo *roça* expressa também o lugar do trabalho na terra. É o lugar onde a maioria dos sujeitos que conheci no Cacém iniciaram a vida laboral (a partir dos sete, oito anos de idade) e o principal local de trabalho de seus pais e familiares, sobretudo, no plantio de café e no corte de eucaliptos. Por fim, *roça* pode ser um adjetivo para qualificar pessoas dos locais de origem. *Gente da roça* é mais uma expressão utilizada que neste caso, inclui, sujeitos que vivem em Cachoeirinha de Itaúna ou o Morro do Margoso. São pessoas que *não andam para frente e ficam vivendo a vida dos outros, querendo o que os outros tem*, explica Jonas e Camila.

Sair da *roça* sempre foi um desejo de Sheila. Antes de transpor fronteiras internacionais teve outras experiências de mobilidade no Brasil. Aos 17 anos morou em Mantena com a sua avó materna que falecera. Com a morte de sua avó, foi morar na região metropolitana de Belo Horizonte (capital do estado de Minas Gerais) com uma de suas primas durante três meses, em uma cidade chamada Santa Luzia¹². Sheila afirma que arranhou um trabalho como doméstica mas que logo saiu. Disse que não gostava de trabalhar. Após os 3 meses sua tia também faleceu, e segundo ela, não se sentiu *a vontade* para continuar vivendo *lá*, apesar de *gostar muito* de Belo Horizonte. Retornou para Cachoeirinha de Itaúna, mas reiterou diversas vezes que não queria morar *lá*, não queria morar na *roça*. Depois de algum tempo, negociou dentro de seu núcleo familiar, a sua ida para Portugal, onde seus irmãos e o vizinho Maicon já residiam.

Sheila desembarcou no Aeroporto de Portela em Lisboa e foi diretamente para o Cacém. Nos primeiros meses, logo quando chegou em Portugal, Sheila morou numa região nomeada pelos sujeitos como *favelinha*: casas bem pequenas e conjugadas,

¹² Santa Luzia é um município brasileiro do estado de Minas Gerais, pertencente à Região Metropolitana de Belo Horizonte e possui uma população de população de 205.666 habitantes (IBGE, 2012).

distantes da estação de comboios (trem) e conhecida também como a *vivenda dos brasileiros*. Conheci a *favelinha* acompanhada de Sheila quando visitávamos Dener, um de seus amigos. Caminhávamos eu e Sheila até à *favelinha* que se localiza do outro lado do Cacém. Tivemos que cerca de 80 degraus de uma escada enorme, atravessar uma rodovia e logo a esquerda, haviam ruas estreitas e escuras onde se encontravam casas ou vilas minúsculas. Sheila não sabia exatamente qual casa era, e, enquanto eu ligava para o Dener para perguntar, dois rapazes *mexiam com a gente: olha aí as brazucas perdidas*.

Antes de chegar na casa de Dener, Sheila fez questão de mostrar o lugar onde vivera recém-chegada em Portugal. Coincidentemente, à porta, estava o senhorio¹³, um português que, naquele momento, entrava com outros homens que pareciam ter acabado de chegar do trabalho nas obras. O senhorio e os outros homens perguntam para Sheila sobre Beto e Wellington. Sheila dá notícias sobre os irmãos e pronuncia: *Ela (eu) é escritora, só queria mostrar o lugar para ela...* Na *favelinha* residem muitas pessoas, e de acordo com o proprietário *não havia vagas no momento*.

Entretanto, Sheila afirmou que a situação na *favelinha* se tornara bastante difícil: *Aquilo* (forma como Sheila faz referência à *Favelinha* atualmente) *ficou sem água, aquilo ficou sem luz*¹⁴, *aí entrei em desespero. Aí fui morar com Juliana, Maicon* (vizinho da família Costa em Cachoeirinha de Itaúna) e *Camila*, recém chegada de Mantena. Sheila morou durante seis meses com Maicon, Juliana e Camila. Segundo ela, começou a ter atritos com Juliana que era demasiado ciumenta: *não podia levar amiga nossa lá, que ela começava a entrar em desespero. Começava a xingar as nossas amigas*.

Na primeira semana em Portugal, Sheila, através de contatos mediados por Maicon, conseguiu um emprego como empregada de limpeza numa empresa terciarizada. Sheila conta que ela, Wellington, Beto e Maicon foram *criados todos juntos, é igual família*¹⁵. As narrativas em torno do percurso laboral de Sheila são bastantes divergentes quando comparadas com D. Rosa (mãe) que faz questão de

¹³ Arrendatário.

¹⁴ É importante ressaltar que a existência de luz elétrica em Cachoeirinha de Itaúna, data do ano de 2007, com o programa Luz para Todos do governo federal brasileiro. Disponível em <http://luzparatodos.mme.gov.br>, acessado em 12 de agosto de 2013. Dessa forma, quando Sheila chegou em Portugal, na casa de sua família não havia eletricidade. Ainda hoje não há duche quente (elétrica) na casa da família Costa, apesar da família ter hoje geladeira (frigorífico) e uma televisão.

¹⁵ Duarte e Gomes (2008) destacam a importância das relações de afinidade (amizade, escola, vizinhança e religião) na definição da parentela. Para os autores, os laços de compadrio também mostram a possibilidade de ampliação da noção de parentesco entre pessoas que não possuem relações de consanguinidade.

ênfatizar que a filha desde *pequena* sempre foi *trabalhadreira*. Todavia, em Cachoeirinha de Itaúna, Beto, Sr. Carlito e Breno (amigo)¹⁶ mencionaram que Sheila *não gostava de trabalhar*. Em seus relatos também prevalece este discurso. Sheila conta:

No Brasil, eu nunca tinha trabalhado de verdade. Fazia uns biquinhos¹⁷ aqui, outros ali... eu vivia com o dinheiro dos meus pais. Eles me davam tudo, do bom e do melhor, eu só queria roupas de marca. Também não gostava de estudar. Por isso todo mundo achava que não ia dar certo aqui. O povo dizia : o que é que você vai fazer lá em Portugal? Vai chegar lá e vai voltar no mesmo dia, você não trabalha! Olha, cheguei aqui e paguei a língua. Estou trabalhando filha. Até hoje desde que eu vim estou nos mesmos dois trabalhos. Enquanto que muitas pessoas já vieram e já tiveram uns vinte trabalhos. Não param em lugar nenhum...

Sheila relata que quando chegou em Portugal não sabia *fazer nada* e que teve *sorte* porque uma *portuguesa* a ensinou fazer limpezas. Trabalhou durante dois anos nessa empresa. É importante salientar que ter um trabalho naquele momento significava ter a possibilidade de *dar certo* e permanecer em Portugal, já que como afirmara Sheila precisava *se virar* - pagar renda (aluguel), alimentação e a dívida contraída pela família para o seu deslocamento. Portanto, trabalhar *de verdade* significa também ser responsável pela sua própria sobrevivência econômica. Quando Sheila expressava sobre seus medos e receios na viagem para Portugal fazia referências ao *entrar no avião* e sobretudo de chegar aqui *não dá certo: ter que voltar, perder o dinheiro, essas coisas assim*.

No entanto, a relação com o trabalho é transformada e ressignificada ao longo do tempo do deslocamento. Depois de pagar a dívida contraída pela família para realização da viagem e entrada em Portugal - Sheila enviava mensalmente uma quantia de 900 reais (aproximadamente 300 euros) para a mãe durante todo o primeiro ano de sua estadia - as narrativas de *sacrifício*, de um cotidiano de esforço e a disponibilidade a condições extremas de trabalho dão lugar a outras representações sobre condições de trabalho e bem estar. Sheila agora não precisava aceitar *qualquer coisa*.

Acabei dando um basta naquilo porque aquele pessoal começou a me chatear a cabeça demais... E eu mandei eles tomar lá, e eu mandei mesmo. Vem gritar comigo, e eu era,

¹⁶ Breno é um dos *melhores amigos* de Sheila em Cachoeirinha de Itaúna. Seu irmão viveu em Portugal durante 10 anos, é naturalizado português e regressou para o distrito. Breno afirma nunca ter tido vontade de *sair* do Brasil e considera que o que mudou na vida de Sheila foi o dinheiro: *o que mudou na vida dela lá é o dinheiro. Porque aqui ela tinha coisas e vivia bem se os pais dela dessem dinheiro, pagasse as contas, dessem roupa nova para ela. Aqui a Sheila quase não trabalhava. E lá não, ela tem que trabalhar para sobreviver. Ela aprendeu a viver através do trabalho. Ela aprendeu a ser independente.*

¹⁷ Trabalhos temporários.

como **eu sou humilde**, eu sou humilde. Depende, agora eu aprendi a ser grossa com as pessoas. Às vezes, as pessoas vinham, me falavam, me xingavam¹⁸ e eu ficava quieta. Esses portugueses filho do ca.... Aí um veio e gritou comigo, nossa! Ô menina eu fiquei com tanta raiva nesse dia, tanta raiva, tanta raiva, tanta raiva, que passei o dia inteiro sem beber água (sem comer). Ele chamava a minha atenção como se eu fosse a **filha dele**. Meu sistema nervoso alterou todo, porque eu fiquei muito, muito, muito nervosa. Aí eu falei assim: se eu não chegar perto dele e desabafar...

Desde 2009, Sheila trabalha três vezes por semana como *mulher a dias* (faxineira) na casa de duas famílias portuguesas da região de Cascais. De acordo com ela, tem sorte de *ter uma cara de simples e por isso seus patrões lhe dão dinheiro, comida e presentes*. Por outro lado, quando compara o trabalho atual com a sua experiência anterior, considera que as relações laborais atuais envolvem mais *respeito: as vezes eu não faço as coisas direito sabe (risos), mas elas não gritam, porque se elas gritarem comigo, mando a p..q..p..Nunca nenhuma falou um A comigo, elas me adoram, graças a Deus. No trabalho da empresa de limpeza eu vivia estressada*.

Ainda que suas experiências laborais (pontuais) em Mantena também fossem no trabalho doméstico - cuidadora de crianças e faxineira- Sheila os considera como um tipo de trabalho que não gosta de fazer. Para ela, *ninguém* gosta de trabalhar nas limpezas. No seu entendimento, o trabalho na limpeza não confere neunhum tipo de *status*, ainda que permita a Sheila, em Portugal, não trabalhar nos finais de semana e garantir um salário superior a de outras ocupações, como de atendente em cafés e restaurantes e vendedora em lojas. Sheila esclarece:

Sheila: Você acha que se os outros me perguntam... se eu conheço alguma pessoa, um gatinho e tal eu falo o que? Se me perguntarem se eu trabalho na limpeza, eu não falo que eu trabalho, não. Eu falo que trabalho na pizzeria, num café, qualquer coisa assim.

Eu: E por que você não tenta trabalhar num café?

Sheila: Ah num gosto, num gosto. Não gosto de trabalhar fim de semana não. O negócio é ter sábado e domingo livre. Ah, mais é uma coisa chata esse negócio de ficar limpando. Praticamente quase não trabalho e ganho bem. Ganho mais de 700 euros, é um trabalho que dá dinheiro.

Ao compararmos a trajetória profissional de Sheila - em Mantena e no Cacém - percebemos que a noção de mobilidade social associada exclusivamente à mudança da ocupação profissional não se confirma, como na maioria das trajetórias dos sujeitos dessa etnografia, o que não quer dizer que não exista mobilidade. Em termos financeiros e no que se refere ao poder de compra, as mudanças são evidentes: A remuneração de Sheila em Mantena não passava de 250 reais em 2004 (o equivalente a 84 euros). No

¹⁸ Chamar nomes.

mesmo ano, em Portugal, recebia 700 euros, o equivalente a aproximadamente 2.100 reais. Na altura, Sheila enviava 300 euros mensais (900 reais), comprou um computador, um celular de última geração e nos finais de semana sempre tinha uma *roupinha nova para balada*¹⁹.

É importante destacar que a gestão dos recursos financeiros é bastante heterogênea nos distintos tempos da migração. A quantidade e periodicidade de envio de remessas de dinheiro e presentes se altera sobremaneira durante a trajetória dos sujeitos de Mantena que estão em deslocamento. Durante o primeiro ano (podendo se estender a um ano e meio ou dois), a obrigação em pagar a dívida contraída para a realização da viagem, que coloca em risco à terra da família, é priorizada na gestão dos recursos pelos sujeitos como também o envio de presentes. É importante salientar que nessa fase as redes e círculos de amizade dos sujeitos e o conhecimento sobre os locais são menores, o que limita a circulação para bares, discotecas e *shows* que são, atualmente, locais frequentes de sociabilidade e de utilização do dinheiro.

Quando o objetivo primário, pagar as dívidas da viagem e ajudar a família é cumprido, outras prioridades vão surgindo ao longo da trajetória dos sujeitos em Portugal: comprar um carro, móveis para casa, ir a *shows* e concertos, etc. No entanto, ainda que depois do pagamento da dívida a quantia e periodicidade das remessas e presentes seja definida pelos sujeitos em deslocamento, “as obrigações materiais e simbólicas construídas antes da partida participam de forma determinante nas suas experiências de migração, em uma contínua referencialidade entre os locais de origem e destino” (OLIVEIRA, 2006:11)²⁰.

Entretanto, foi também a partir da estabilidade no trabalho e do incremento nas suas redes de amizade e interconhecimento no Cacém, depois de seis meses em Portugal, que Sheila pôde se mudar para uma região mais central do bairro: o apartamento 502. Essa mobilidade residencial têm diversas camadas de significados: em primeiro lugar no que se refere às imagens associadas à lugares centrais e periféricos. Se a *favelinha* se configura como um espaço mais central e menos periférico que Cachoeirinha de Itaúna por se localizar na cidade (e não na roça) e na “Europa”,

¹⁹ Saída à noite.

²⁰ Verifiquei que a maioria dos sujeitos em deslocamento delegam para membros da família na origem resguardar o dinheiro enviado: geralmente irmãs, irmãos e mães. No entanto, há sujeitos que deixaram de enviar remessas em um determinado momento do deslocamento, como também existem aqueles que nunca as enviaram.

sair da favelinha e morar em um prédio da região central do Cacém - ainda que seja imaginado como um espaço periférico se comparado com as regiões centrais de Lisboa - se configura como uma importante mobilidade.

Ao mesmo tempo porque mudar-se para o apartamento 502 significava *morar sozinha* pela primeira vez, não ter *os pais e os irmãos para controlar* e ter mais *liberdade*, ainda que mais *responsabilidade*, na medida em que Sheila *não tinha com quem contar*.

O Aproveitar a vida

Se o *melhorar de vida* enquanto projeto familiar - melhorar a casa, comprar carro, moto e/ou abrir o próprio negócio - torna-se um uma noção eficaz para justificar os deslocamentos entre fronteiras internacionais, Constable (1999) chama atenção para os aspectos mais subtis dos deslocamentos para além de uma preocupação econômica relacionada à origem. Apesar da maioria das pessoas enfatizarem a motivação econômica para trabalhar em outro lugar (país), essa é uma das várias e complexas razões porque elas se deslocam, permanecem e continuam regressando das visitas temporárias (CONSTABLE, 1999). Para a autora, existem questões mais privadas, personalizadas ou de natureza idiosincrática, que são ofuscadas por argumentos econômicos coletivos mais facilmente articulados e aceitáveis. As motivações econômicas são, sem dúvida, um importante fator na decisão de se deslocar, mas são também “uma resposta fácil, uma resposta mais aceitável e até certo ponto uma resposta automática e incompleta que tende a encobrir o que a riqueza etnográfica pode revelar” (CONSTABLE, 1999:212)

De que forma, durante a experiência do deslocamento, as imagens sobre os locais de origem vão se modificando? Em que medida o Cacém não se torna a referência de *casa* para esses sujeitos? Como os sujeitos imaginam o lugar de origem em relação às suas famílias e suas expectativas? Para além de trabalhadores, outras relações fazem parte da vida desses sujeitos.

A partir das histórias de vida relatadas por membros das redes familiares caribenhas, Olwing (2004) constatou que a forma como se vive a mobilidades muda com o tempo, não sendo apenas um fim de explorar às oportunidades econômicas que

não estão disponíveis no seio das comunidades locais, mas também o de aspirar determinadas condições de vida, cultural e socialmente desejáveis.

Nesse sentido, o *aproveitar a vida* aparece como categoria êmica, para fazer referência à intensa vida social e de consumo no Cacém, contrapondo à uma escassa oferta de locais de sociabilidade²¹ e privação econômica, vivenciadas nas localidades de origem. Dessa forma, para além das moradias, os locais de sociabilidade dos sujeitos se converteram em importantes cenários de observação da etnografia, o que revelou significativas diferenças nos perfis, acessos, circulação e frequência entre espaços de sociabilidade em Mantena e no Cacém.

A vida social em Mantena é bastante limitada. Existe uma praça central onde pessoas de diversas idades se encontram à noite, principalmente nos fins de semana. Formam pequenos grupos, conversam, bebem e *paqueram*. Não existem discotecas e os eventos promovidos na cidade são escassos. A discoteca mais próxima é na cidade de Barra de São Francisco que se localiza à 11km de Mantena. Portanto, para frequentarem esses espaços, para além dispor de recursos financeiros, os sujeitos precisam de carros ou motos para se deslocarem. Talvez seja por isso que esses bens de mobilidade adquirem grande centralidade discursiva quando os sujeitos os associam diretamente ao *melhorar de vida*.

Em Portugal, a vida social dos jovens é circunscrita em espaços considerados periféricos pelos portugueses e outros brasileiros imigrantes. Os principais locais de sociabilidade são os *cafés*, bares pequenos, discotecas brasileiras e festas nas residências. É visível a hierarquização étnica e de classe dos espaços frequentados por brasileiros. Na própria fala dos sujeitos, as discotecas brasileiras localizadas em Lisboa, como o *Cenoura do Rio*, *Cuba Libre* e o *Café da Ponte*, são classificadas como lugares distantes e *bons, que tem gente de classe*. Ao longo do tempo, com o aumento das redes de amizade e interconhecimento, a circulação de alguns sujeitos como Sheila, Camila, Juliana e Maicon se ampliaram com a ida aos shows de bandas brasileiras e à algumas discotecas mais centrais. No entanto, para a maioria dos sujeitos, a linha de Sintra e de Cascais se configuram como os principais espaços de circulação.

A sociabilidade dos jovens ganha centralidade na grande parte de suas narrativas, seja nos títulos dos álbuns de fotos compartilhados nas redes sociais (Orkut e

²¹ Nos períodos em que estive em Mantena, um dos poucos eventos realizados foi produzido pela Igreja Católica, nomeadamente a Comunidade Canção Nova – Movimento católico carismático marcado pela presença constante de músicas católicas. Shows e “barraquinhas” concentravam um grande número de jovens na Praça Central.

mais recentemente Facebook) ou nas fotos *per si*. *Festinhas, churrasco na casa do Marcelo, eu fui ao show do Calypso, solzinho, praia e gelada em Sesimbra* são alguns exemplos de situações compartilhadas, nomeadas pelos sujeitos que permaneceram em Mantena como *aproveitar a vida*. Identifiquei que a internet e sobretudo as redes sociais virtuais operavam na forma como os jovens selecionavam informações para compartilhar no local de origem que remetem sobre suas experiências migratórias e servem para negociar seus *status* e o “sucesso” migratório. Tal constatação só foi possível pela minha permanência em seus locais de origem. Familiares, amigos e conhecidos dos jovens migrantes faziam referência ao *Orkut* como principal mecanismo de obter “notícias” dos que estão fora. Shirley, prima de Camila, relata: “*Eu sempre entro no Orkut dela, vejo as fotos. Ela mudou o rosto, o jeito, está até mais bonita*”.²²

O que os sujeitos tornam público é o aumento do padrão de consumo: roupas, sapatos, bebidas alcólicas como Whisky e Red Bull²³; bens como carros e computadores e o acesso ao lazer e sociabilidades como shows de bandas brasileiras, idas a praia e às discotecas. O consumo, entendido como uma forma de ação simbólica (ver GELL, 2010), serve como ferramenta de análise importante para entender como se dá a negociação do *status* dos sujeitos migrantes. O acesso a determinados bens de consumo – carros, motos, computadores, celulares de última geração e determinados estilos de roupas – são quantificados tanto no destino quanto na origem como *melhorar de vida*. Determinados bens – dinheiro (euro), bebidas alcoólicas e computadores – são linguagens simbólicas que demonstram o “sucesso” e o *aproveitar a vida* dos sujeitos que vivem no Cacém.

Aliás, os consumos (MILLER, 1987; 1997 e os estilos (HEBDIGE, 1979) têm sido imaginados e desejados de acordo com as escalas de valor do Brasil: músicas, roupas, corte de cabelo, danças, idas a discotecas e *shows*, etc. Por isso, a possibilidade

²² O uso de *sites* de redes sociais pelos migrantes já têm sido analisado por pesquisadores que procuram estudar as redes transnacionais formadas pelos mesmos. Mieke Schrooten (2010) explorou o exemplo do *Orkut*, considerando sua enorme popularidade no Brasil tanto no caso dos migrantes, quanto das pessoas que continuaram residindo nos locais de origem. Segundo a autora, o *Orkut* se configura como um importante recurso para imigrantes de diferentes classes sociais e possui um papel significativo nos acessos às informações sobre os locais de destino, especialmente como um “lugar” onde o *status* são constantemente negociados.

²³ Várias músicas escutadas pelos rapazes e meninas fazem referência ao whisky e ao red bull, vinculado às pessoas que *têm condição, e estilo patrão*. Ver McDaleste; Mr. Catra (funk carioca) e Forró (Forró do Miúdo “Whisky, Red Bull, cerveja eita, mulher que tá lotado bebendo aqui na minha mesa”. Ou ainda a música “Red Label ou Ice”, da banda Aviões do Forró.

de ir a *shows* de bandas brasileiras que se apresentam em Portugal, frequentar bares e discotecas e ter acesso a bens de consumo já representa um ganho simbólico importante.

Todavia, no decorrer da etnografia fui notando que *o aproveitar a vida* envolvia outras camadas de significado. A maioria das meninas e rapazes em Mantena e na zona rural já possuem filhos e são casados. D. Rosa chamou-me a atenção para esse facto quando disse que, depois da partida de Sheila, todas as suas amigas que vivem em Cachoeirinha tiveram filhos, estão casadas e não trabalham: *Sheila é a única que está aproveitando a vida*, conclui ela. *O aproveitar a vida* esta relacionado também com a vida de solteiro. Casar e ter filhos, em um primeiro momento, os torna adultos.

A *liberdade* aparece conjuntamente como aspectos conquistados com a mobilidade²⁴, e significa na maioria das vezes estar longe do controle social da família que ressaltam o fato de não *terem os pais para controlar*. Essa percepção pode ser observada no comentário de Sheila:

Liberdade é você sair pra onde você quiser... num ter hora pra voltar. Você que manda em você. Sai com seus amigos, trazer quem você quiser pra sua casa. Às vezes, é bom e às vezes também não. Viver sua vida livre, sem ninguém pra se meter. Você faz, você que tá pagando as suas conta. É isso. Aqui que eu tô aprendendo a sair, pq cê viu a roça que é... era um custo também para minha mãe deixá eu sair....tinha que pedir para meu pai.... era um saco... aqui não.

Porém, ainda que a etnografia mostre como os projetos são até certo ponto individualizadores, evidencia-se que são conjuntamente parte de estratégias familiares, que obedecem a uma noção de pessoa marcada por obrigações morais e com a família. Sheila sempre afirmara que era possível *ser jovem e adulto ao mesmo tempo* e que *liberdade* não era o contrário de *responsabilidade*. Ou seja, é possível ter *liberdade de fazer o que quiser* e, ao mesmo tempo, ser uma *boa filha*, o que significa na maioria das vezes *ajudar* a família na origem.

A possibilidade em *ser jovem e adulto ao mesmo tempo*, por sua vez, demonstra igualmente que o *ser jovem* significa mais um determinado estilo de vida e comportamentos específicos relacionados a determinadas práticas, definidos por eles como *jovens*, do que a uma determinada categoria de idade particular, ao passo que *ser adulto* liga-se à responsabilidade com o trabalho, a autonomia financeira e ao fato de

²⁴ No livro Projeto e Metamorfose, ao analisar a trajetória de Catarina, uma jovem “imigrante” açoriana que vivia com os pais nos EUA, Velho invoca as diferenças geracionais no que concernem as expectativas relacionadas ao projeto “migratório”. Ainda que os jovens, como Catarina, compartilhassem com os pais o desejo de “fazer América”, ideia vinculada a uma noção específica de bem estar e ascensão social, enfatizavam suas experiências de “liberdade”, de descobrir e experimentar sensações novas e conhecer pessoas diferentes (1986:46).

estarem distantes de suas famílias. Assim, a própria noção de transição para a vida adulta - normalmente vinculada a um conjunto de capacidades: produtivas (inserção social, início da vida laboral) e reprodutivas (matrimônios, maternidade/paternidade e a constituição de família) - critérios usuais de definição e reconhecimento social da adultez (FEIXA, 1994:27) e a idade como linha divisória entre a dependência e emancipação, parecem não servir para analisar os itinerários dos sujeitos desta etnografia, que revelam em si, inúmeras descontinuidades.

Compartilho com Bordonaro (2007) e Durham (2007), ao considerar que a experiência migratória na “juventude” não é um fenômeno meramente geracional na medida em que se articula com inúmeros outros marcadores de diferenciação social como território, classe social, nacionalidade e gênero que, somente entretecidos com as categorias de idade, operam significativamente nas relações e experiências sociais.

A noção de ser jovem também estava associada à ideia de uma “cidadania do consumo” e de acesso ao lazer. No Brasil, apesar da ampliação do mercado de bens materiais e simbólicos, a desigualdade provoca várias restrições no acesso a esses bens. A limitação de meios para participação efetiva no mercado de consumo - consequência da escassez de trabalho, baixos salários, pouca escolaridade –; a escassez de formas de lazer e a enorme separação espacial dos centros onde as atividades acontecem são vistos como limitações para vivenciar um estilo de vida considerado jovem

Dessa forma, não era idade biológica, mas a noção de um estilo de vida “jovem”, representado por determinadas performances, corporalidades e valores que se vinculavam a outras marcas de diferença – nacionalidade, gênero e classe social - que eram acionadas no contexto dos deslocamentos entre fronteiras internacionais entre Mantena e o Cacém.

Considerações finais

Entre os anos de 2010 e 2013, realizei uma etnografia multisituada entre o Brasil e Portugal com um grupo que possui como características principais pertencerem a uma mesma faixa-etária (18 a 25 anos), serem oriundos de uma mesma região no Brasil: uma cidade de pequeno porte e uma zona rural - Mantena e Cacheirinha de Itaúna - e que vivem em uma *periferia* da Grande Lisboa, o Cacém. No presente artigo, a partir dos trajetos e alguns eventos da trajetória biográfica e social de Sheila, pretendi demonstrar

que projetos migratórios/de vida não são estáveis como também que estratégias familiares e individuais de deslocamentos não são necessariamente pólos contraditórios.

A co-existência de estratégias e expectativas podem ser constatadas através das categorias êmicas *aproveitar a vida* e *melhorar de vida*, que adquiriram centralidade ao longo da etnografia e são utilizadas contextualmente tanto pelos sujeitos que atravessaram fronteiras internacionais como pelos seus familiares e outros jovens que não tiveram a experiência de mobilidade. O fato dos sujeitos se deslocarem sozinhos e/ou com irmãos, primos e amigos, deslocamentos que não se configuram com o modelo de reagrupamento familiar não significa, contudo, que estes deslocamentos, são apenas projetos exclusivamente individualizados, mas parte também de uma estratégia familiar de reprodução social.

Consequentemente, as categorias de distinção *jovem - adulto* separadas de seus contextos de significação na origem e no destino, obstaculiza as análises da trajetória dos sujeitos que fazem parte dessa etnografia. Os deslocamentos nessa faixa-etária, no marco das mobilidades transnacionais me levou a questionar outro ângulo da categoria juventude: pensar a diferença de idade relacionadas com outras diferenciações: classe social, nacionalidade e território.

A importância da temporalidade e da espacialidade nas análises sobre projetos e experiências migratórias também foi constatada: seja na gestão dos recursos financeiros; na resignificação dos laços familiares e nos significados atribuídos ao trabalho e à sociabilidade no Cacém e em Mantena, o que confirma o argumento de Constable (1999), de que existem questões mais subjetivas nos deslocamentos para além de uma preocupação econômica relacionada à origem, encobertas por argumentos economicistas e macroestruturais.

As permanências prolongadas nos espaços de origem dos sujeitos possibilitaram-me compreender que, mensurar a mobilidade dos sujeitos que vivem no Cacém, deveria levar em conta as alterações nas relações de poder marcadas no contexto de origem por uma moradia periférica – no *morro* e *roça* -, um estatuto econômico baixo marcado pela clivagem entre cor da pele e classe e um acesso reduzido ao consumo e à vida social. Ainda que a “Europa” que os sujeitos conhecem seja encontrada em regiões relativamente periféricas e sua sociabilidade seja muitas vezes restrita a esses espaços, considero que estes experimentam diferentes mobilidades, como o maior acesso aos bens de consumo e melhorias nas condições de moradia.

Ao longo da pesquisa, fui compreendendo que os significados sobre o que é uma periferia e as condições de vida nas periferias - em Mantena e no Cacém- se diferenciam de maneira evidente.

Em primeiro lugar, são as diferenças arquitetónicas demasiado visíveis e as condições de moradia entre essas duas “periferias” que me chamaram atenção. No *morro*, a predominância de casas auto-construídas em loteamentos precários e a escassez de equipamentos urbanos - coleta de lixo, transportes, pavimentação de ruas - têm como consequência o isolamento pela difícil acessibilidade, ainda que o *morro* se localize numa área considerada “central” da cidade de Mantena.

O Cacém, por sua vez, é considerado um bairro periférico pela distância das áreas consideradas centrais, mas oferta diferentes equipamentos urbanos e de lazer: são vários autocarros e uma linha de comboio que dá acesso à Lisboa (o percurso é de aproximadamente 25 minutos), como também farmácias, escolas, supermercados, centros comerciais, discotecas, praças restaurantes e cafés. As moradias, usualmente são prédios, construídas no final da década de 1970 (relativamente novos quando comparados com outras regiões de Lisboa), possuem elevadores, dois a três quartos, duas casas de banho e uma sala.

Ao compararmos as relações de poder nos locais de origem, os deslocamentos entre fronteiras internacionais têm possibilitado, conjuntamente, reconfigurar as relações de poder dentro dos contextos familiares, sobretudo, a partir do envio de remessas e a consequência participação ativa dos sujeitos na renda familiar

Referências Bibliográficas

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. Trad.

Graça Índias Cordeiro; Heitor Frúgoli Jr; São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011

BERTAUX. **Destinos pessoais e estrutura de classe**; trad. José Saramago. Lisboa:

Morais Editores, 1978

BORDONARO, Lorenzo Ibrahim. **Living at the margins: Youth and modernity in the Bijagó islands (Guinea-Bissau)**. Tese de Doutoramento, ISCTE/IUL, 2007.

CACHADO, Rita. Trajectos interurbanos na diáspora: o elo esquecido da mobilidade social. **CIES e-Working Paper**, Lisboa, n. 83, 2009.

CALDEIRA, T. P. R.. 2000. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**, São Paulo, Edusp/Ed. 34, 2000.

_____. **A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos**, São Paulo, Brasiliense, 1984

CARDOSO, Ana; PERISTA, Heloísa. A cidade esquecida: pobreza em bairros degradados de Lisboa. **Sociologia, Problemas e Práticas**, 15: 99-111, 1994.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, n. 11, 1998.

CONSTABLE. At Home but Not at Home: Filipina Narratives of Ambivalence Returns. **Cultural Anthropology**, 14, 2, p. 203-228, 1999.

CORDEIRO, Graça, BAPTISTA, Luís e FIRMINO DA COSTA, António (eds.). **Etnografias Urbanas**. Oeiras, Celta editores, 2003.

CORDEIRO, Graça Índias. **Um bairro no coração da cidade: um estudo antropológico sobre a construção social de um bairro típico de Lisboa**, 1995.

COSTA PINTO, T. “Apropriação dos espaços em bairros sociais: o gosto pela casa e o desgosto pelo bairro”. **Sociedade e território**, n.20, Porto, Afrontamento, 1994.

DURHAM, Deborah. Disappearing youth: Youth as a social shifter in Botswana. **American Ethnologist**, 2004, 31.4: 589-605.

DURHAM, E. R. “*A sociedade vista da periferia*”, in, **A dinâmica da cultura**, São Paulo, Cosac & Naify, p. 377-407, 2004[1986b].

_____. **A Caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo**. São Paulo, Perspectiva, 1973.

FLAMM, Michael; KAUFMANN, Vincent. Operationalising the Concept of Motility: A Qualitative Study. **Mobilities**, v. 1, n. 2, p. 167-189, July 2006.

GELL, Alfred. *Recém-chegados ao mundo dos bens: o consumo entre os Gonde Muria* In: APPADU RAI, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias de uma perspectiva cultural**. Niterói: EDU FF, 2010.

KAUFMAN, Vincent; BERGMAN, Manfred; JOYE, Dominique. Motility: Mobility as Capital. **International Journal of Urban and Regional Research**, v.28, n. 4, p. 745-756, Dec. 2004.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (Orgs.). **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MAGNANI, José Guilherme. “Da periferia ao centro: pedaços e trajetos”. In Revista de Antropologia, FFLCH/USP. São Paulo, vol 35, 1993.

_____. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**, São Paulo, Brasiliense, 1984.

MARCUS, George. Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. **Annual Review of Anthropology**, v. 24, p. 95-117, 1995.

MILLER, Daniel. **Capitalism: an ethnographic approach**. London: Berg Publishers, 1997.

_____. **Material culture and mass consumption**. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

MOURA, Cristina Patriota e VASCONCELOS, Larissa. *Trajetórias, trajetos e motilidade na Universidade de Brasília*. **Revista Antropolítica** Niterói, n. 32, p. 87-112, 1. Sem, 2012.

OLWING, Karen. **Caribbean Journeys: An Ethnography of Migration and Home in Three Family Networks**, Durham, Duke University Press, 2007.

_____. *Cultural sites: sustaining a home in a deterritorialized world*», in

OLWING, Karen e HASTRUP, Kristen (eds.), **Siting Culture: The shifting Anthropological Object**, London, Routledge, pp. 17-39, 1997.

OLWING, Karen e HASTRUP, Kristen (eds.). **Sitting Culture: The Shifting Anthropological Object**, London, Routledge, 1997.

ONG, Aiwai. **Flexible Citizenship: The Cultural Logics of Transnationality**, Durham, London, Duke University Press, 1999.

PEREIRA, José Carlos Alves. **O lugar desmanchado, o lugar recriado? Enredos e desenredos de jovens rurais na migração internacional**. Tese de Doutorado apresentada Programa de Pós- Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2012.

PINTO, Teresa Costa; GONÇALVES, Alda - "Os bairros sociais vistos por si mesmos: imagens, conflitualidades e insegurança". **Cidades - Comunidades e Territórios**. Lisboa: CET - Centro de Estudos Territoriais. ISSN 1645-0639. 1 (2000) 101-111.

SCHILLER, Nina Glick; ÇAGLAR, Ayse. **Migrant incorporation and city scale: towards a theory of locality in migration studies**. 2008.

SCHILLER, Nina Glick ÇAGLAR, Ayse e GULDBRANDSEN, Thaddeus (2006), «Beyond the ethnic lens: locality, globality and born again incorporation», in **American Ethnologist**, vol. 33,nº 4, pp. 612-633

SCHILLER, Nina Glick; SALAZAR, Noel. *Regimes of Mobility Across the Globe*. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, Vol. 39, No. 2, 183-200, 2012.

SCHILLER, Nina Glick. **Transnationality. A Companion to the Anthropology of Politics**, 2004, 448-467.

SØRENSEN, Birgitte Refslund. The experience of displacement: reconstructing places and identities in Sri Lanka. **Shifting Culture, the Shifting Anthropological Object**. London: Routledge, 1997, 142-64.

TOGNI, Paula Christofolletti. **A Europa é o Cacém. Mobilidades, gênero e sexualidade nos deslocamentos de jovens brasileiros para Portugal**. Tese de Doutorado em Antropologia. Instituto Universitário de Lisboa, IUL-ISCTE, Lisboa, 2014.

TOGNI, Paula Christofolletti. “Melhorar de vida” ou “Aproveitar a vida”? *Jovens brasileiros migrantes numa periferia de Lisboa (Portugal)*. In: PADILHA, Beatriz et al. **Novas e velhas configurações da imigração brasileira na Europa**: Atas do 2o Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa. Lisboa: ISCTE 2012. Disponível em: <http://repositorio-iul.iscte.pt/handle/10071/3874>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2013.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1994.

_____. **Individualismo e cultura : notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1987.

WANDERLEY, Maria de Nazareth. **Juventude rural: vida no campo e projetos para o futuro**. Relatório de Pesquisa, UFRPE/CNPq, 2006.

_____. **Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro**. In: CARNEIRO, Maria José e CASTRO, Elisa Guaraná (org.). **Juventude Rural em perspectiva**, Rio de Janeiro, Mauad X, 2007.

WIMMER, Andreas; GLICK SCHILLER. Methodological nationalism, the social sciences e the study of migration. **International Migration Review**, v. 37, nº3, pp. 576-610, 2003

_____. *Methodological Nationalism and beyond: nation-state building, migration and the social sciences. Global Networks*, 2,(4): 301-334, 2002.

Recebido em dezembro de 2014.

Aprovado em janeiro de 2015.